

O FIGURINO DE KIM KARDASHIAN NO MET GALA 2021: DO “ESTRANHAMENTO” À ALTERIDADE

Sintya de Paula Jorge Motta¹

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender como, ao encobrir-se e vestir-se toda de preto durante sua participação no Met Gala 2021, Kim Kardashian produziu sentidos que abrangeram desde o efeito de “estranhamento” fortemente manifesto nas mídias sociais até o menos repercutido valor de alteridade, desvelando quais os mecanismos aí envolvidos. Como aporte teórico-metodológico, o trabalho apoiou-se nas contribuições de Greimas, Landowski, Floch e Oliveira para examinar uma das fotografias tiradas de Kardashian na sua chegada ao Met Gala 2021, em que ela está vestida de preto da cabeça aos pés. O estudo permitiu depreender que, se os sentidos comunicados pela escolha do figurino segregaram-na ante a quebra da expectativa estabelecida para esse tipo de evento, eles também possibilitaram a manifestação da alteridade de Kim num mundo contaminado pelo coronavírus.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica. Moda. Plano do conteúdo. Plano da expressão. Alteridade.

1 INTRODUÇÃO

Inscrevendo-se no conjunto dos estudos da Comunicação que buscam intersecção entre as teorias da linguagem e as teorias estéticas, este é um trabalho que enfoca, em especial, o papel de uma comunicação que também se dá como parte em processos de inclusão ou de exclusão dos indivíduos mediante interações sociais mediadas pelo campo da Moda. Mais especificamente, trata-se de uma pesquisa cujo objetivo consiste em compreender como, ao encobrir-se e vestir-se toda de preto durante sua participação no Met Gala 2021 (primeira edição do evento no pós-pandemia), Kim Kardashian produziu sentidos que abrangeram desde o efeito de “estranhamento” fortemente manifesto nas mídias sociais até o menos repercutido valor de alteridade, desvelando quais os mecanismos aí envolvidos.

¹ Mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (2021-2024), especialista em Consultoria de Imagem e Estilo pelo Centro Universitário Belas Artes (2018-2020) e graduada em Administração de Empresas pela PUC/SP (1998-2002). E-mail: sintyamotta@uol.com.br.

O aporte teórico-metodológico para tanto se apoia na Semiótica Estrutural e enfoca os estudos do plano de conteúdo (Greimas, 1966), com desdobramentos da Sociosemiótica (Landowski, 2012), e do plano da expressão (Floch, 1983; Oliveira, A. C., 2004, 2009, 2019). De modo mais específico, entre os conceitos mobilizados para o empreendimento desta investigação, destacam-se aqueles que conjugam o plano do conteúdo e o plano da expressão, cada qual oportunamente explicado na segunda seção do artigo.

Em vista do entendimento de que o vestuário possui um poder influente na autoimagem das pessoas (Motta; Oliveira, L. R., 2021), e uma vez que, na Semiótica, parte-se do pressuposto de que uma imagem também se configura como um objeto possuidor de um todo de significação (Greimas; Courtés, 1979), o *corpus* constituído para a análise deste estudo corresponde a uma das fotografias tiradas de Kardashian na sua chegada ao Met Gala 2021 — registrada na seção voltada à discussão —, na qual ela se encontra vestida de preto da cabeça aos pés, fazendo uso até mesmo de balaclava.

Embora outras fotografias sejam oportunamente acrescidas no decorrer deste estudo, antecipa-se que tal acréscimo não as caracteriza como parte do objeto de análise delimitado, mas visa tão somente a melhor situar o efeito de “estranhamento” produzido sobre o público diante da inesperada vestimenta apresentada pela modelo. Assim, por intermédio da intertextualidade e da interdiscursividade, possibilitadas pela comparação entre a imagem analisada e as imagens de eventos anteriores, tem-se que estas subsidiam as correlações que serão naturalmente estabelecidas entre os elementos apreendidos do *corpus* e o contexto no qual ele se originou em 2021.

O artigo está organizado em cinco seções, iniciando-se por esta introdução. A segunda seção, voltada ao arcabouço teórico, traz a série de estudos a sustentar esta pesquisa, enquanto a terceira introduz o aparato metodológico, assim como situa o problema da pesquisa e seu contexto. Após, a quarta seção diz respeito aos resultados obtidos e à sua respectiva discussão, momento em que a base teórica que sustenta a análise é explicitada de forma concomitante a ela, de maneira a haver uma articulação imediata entre os conceitos e a sua aplicação. Por fim, a quinta e última seção volta-se às considerações finais.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O arcabouço teórico a embasar esta pesquisa é centrado nas conceituações e nos princípios da semiótica de Algirdas J. Greimas (1966), que, de 1966 a 1992, construiu a Semiótica Estrutural, ou Semiótica Discursiva. Influente em diversas áreas concernentes aos estudos semióticos, segundo definem Nöth e Santaella (2017, p. 187), “o objetivo central da pesquisa do programa semiótico greimasiano encontra-se no estudo do discurso com base na ideia de que uma estrutura narrativa e uma lógica elementar se manifestam em qualquer tipo de texto”.

Segundo os estudos da Semiótica Discursiva do modelo de Greimas, a construção de sentido de um texto se dá pelo chamado “percurso gerativo de sentido”, constituído como um simulacro teórico-metodológico por meio do qual a Semiótica busca reconstituir os processos de apreensão e de produção dos sentidos do texto (Greimas; Courtés, 1979). Esse percurso gerativo de sentido, que viabiliza a investigação dos mecanismos e dos procedimentos de um plano de conteúdo, constitui-se em três etapas: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo (Greimas, 1966).

O *nível fundamental*, que remete à simplificação do texto e consiste no mínimo de significado para a geração dele, é a instância inicial do percurso, de forma a explicar os níveis mais abstratos da produção, sendo, por isso, considerada a etapa mais simples e abstrata do percurso. Neste nível, os sentidos são entendidos como uma categoria ou oposição semântica, sendo que essas chamadas “categorias fundamentais” são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas.

Já o *nível narrativo* alude aos sujeitos, ao seu ponto de vista, sendo eles próprios construtores de sentido. Tratando-se de uma etapa intermediária do percurso gerativo de sentido, o esquema narrativo por meio do qual essa etapa se constitui se dá com a manipulação, a competência e a performance (também adiante unificados no percurso da ação) e, enfim, a sanção. Um pressupõe a existência do outro, isto é, o percurso da sanção pressupõe o da performance, que pressupõe o da competência e este o da manipulação.

Por fim, o *nível discursivo*, considerado o mais complexo e concreto, representa a instância da enunciação e diz respeito ao nível do discurso propriamente dito e à narrativa assumida. Esta etapa comporta um conjunto de procedimentos de discursivização que podem

ser também distinguidos entre uma sintaxe discursiva e uma semântica discursiva, as quais serão recuperadas na seção de análise.

Retomando-se, então, a semiótica enquanto teoria da ação humana aprofundada por Greimas (1966), esta passou por desdobramentos, sendo desenvolvida como teoria geral do sentido nos termos que lhe deu Eric Landowski (2012), chegando aos regimes de interação e sentido. Além de Landowski ter teorizado uma semiótica do social de vertente existencialista, esse arcabouço permite descrever, analisar e interpretar as construções de sentido dos corpos vestidos que fazem ser a si mesmos e ao social. Já os estilos de vida reúnem modos de articulação a abranger a relação entre alteridade e identidade, consistindo nas seguintes formas de relacionamento: a assimilação, a exclusão, a admissão e a segregação (Landowski, 2012).

O objeto da semiótica resulta ainda da junção do plano do conteúdo, construído sob a forma do percurso gerativo de sentido, com o plano da expressão. Assim, diante da homologação do plano do conteúdo e do plano da expressão, este último assume demais papéis e compõe organizações secundárias da expressão cujo objetivo consiste em materializar temas abstratos e assim fabricar efeitos de realidade (Floch, 1983). No que concerne à plasticidade do plano de expressão conceituado por Jean-Marie Floch (1983) e também desenvolvido por Ana Claudia Oliveira (2004, 2009), há seis formantes que o constituem — matérico, cromático, topológico, eidético, rítmico e estésico —, os quais também serão propriamente analisados no *corpus* investigado neste estudo.

3 METODOLOGIA

Com base na Semiótica Discursiva do modelo de Greimas (1966) e a partir dos desdobramentos que o sucederam, selecionou-se uma das fotografias tiradas de Kim Kardashian na entrada da edição de 2021 do Met Gala — momento em que estava vestida toda de preto da cabeça aos pés, usando uma balaclava. Diante da definição do objetivo deste estudo e partindo-se do entendimento de que uma imagem se configura como um objeto possuidor de um todo de significação (Greimas; Courtés, 1979), a partir do qual se podem compreender tanto as relações entre as partes do objeto quanto as relações entre estas e o todo, a fotografia será analisada à luz dos estudos semióticos predeterminados na seção dedicada à fundamentação teórica.

Conforme o direcionamento teórico-metodológico permitirá constatar, importa registrar que este estudo não pretende, portanto, depreender o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) Kardashian se vestiu toda de preto para comparecer à referida edição do Met Gala, contrariando a expectativa em relação ao uso dos figurinos habitualmente pensados/adotados para inspirar efeitos de luxo/“glamour” associados ao de “originalidade”. Nessa mesma direção, tampouco busca “revelar” o propósito que teria sido pretendido pela própria Kardashian a esse respeito, no sentido de que a ela pudesse ser atribuída uma determinada intencionalidade — o que escapa à proposta de uma pesquisa semiótica.

Sendo assim, a fim de situar o problema da pesquisa no contexto imediato do qual ele emerge, de modo que as informações aí assinaladas pudessem também — e oportunamente — ser recuperadas durante a análise, a subseção a seguir se volta a um breve contexto a percorrer desde as origens do Met Gala até a edição do evento aqui retratado.

3.1 Das origens do Met Gala ao evento em 2021: breve contexto

Dedicado a angariar fundos para a manutenção do Metropolitan Museum of Art, ou The Met [um dos maiores museus de arte do mundo (NYC Go, 2022)], em Nova Iorque, o Met Gala ou Met Ball (formalmente Costume Institute Gala ou Costume Institute Benefit) é um baile de gala anual cuja primeira edição ocorreu em 1948 no próprio museu, lá sendo realizado desde então na primeira segunda-feira de maio (Fernandes, L., 2021), exceto em 2020 e 2021 devido à pandemia de Covid-19.

A cada ano, o Met Gala é orientado por determinado tema, incentivando em seus convidados — figuras notórias (“celebridades”) — o uso de vestimentas “o mais ousadas possível”, “extravagantes”: trata-se de “fugir do óbvio” que se vê nos tradicionais tapetes vermelhos (Devides, 2021; Fernandes, L., 2021). Assim foi que, ano após ano, o baile foi se consolidando como um evento luxuoso, cujas roupas dos convidados evocam a apreciação de “mais originais”, assinadas por estilistas consagrados ou ainda não muito conhecidos. A título de exemplo, na figura 1, observa-se a originalidade buscada no figurino de Kim Kardashian no Met Gala 2015, cujo tema era “China: Através do espelho”, quando vestiu a primeira criação de Peter Dundas para a grife italiana Roberto Cavalli (Wery, 2019).

Figura 01 - Kim Kardashian e o seu figurino no Met Gala 2015



Fonte: Fashionismo (2015)

Não à toa, o Met Gala “é um dos eventos mais aguardados do ano para apreciadores de moda, pois reúne em um só lugar modelos, estilistas, celebridades e outros grandes nomes do ramo” (Devides, 2021), de modo que todos os aspectos que lhe dizem respeito, incluindo-se aí os chamados “bastidores” envolvendo todo o pré e o pós-evento, são amplamente cobertos pela mídia.

Cancelado, porém, em 2020 devido à Covid-19, o baile em 2021 se deu em 13 de setembro sob o título “Na América, um léxico da moda”. Para celebrar os 75 anos do Costume Institute, a mostra visou à história da moda norte-americana, em busca de abordar a evolução e os costumes do estilo estadunidense (Fernandes, L., 2021).

Nesse contexto, uma das participações mais comentadas foi a da *socialite*, modelo e empresária estadunidense Kimberly Noel Kardashian — a “Kim Kardashian” —, conhecida por seus empreendimentos dentro e fora da mídia. Ao desfilar no Met Gala 2021 com o corpo coberto e uma balaclava encobrindo o rosto, vestindo uma peça dotada de mangas midi e cauda longa, assinada pelo diretor de criação da Balenciaga, Demna Gvasalia, Kim “deixou muita gente intrigada” (Devides, 2021).

Acerca da repercussão do vestuário, sob o título “Kim Kardashian no MET Gala *choca* web e vira meme por look preto cobrindo rosto: ‘Encosto’”, R. Fernandes (2021a, grifo nosso) registra o “*choque* dos internautas” e a “*inusitada* produção”. Em “Met Gala 2021: Kim Kardashian vira meme ao cobrir todo o rosto e o corpo”, De Nossa (2021, grifo nosso) reitera a “*intriga*” deixada em “muita gente”. Já sob a chamada “Kim Kardashian se inspira em estética de Donda, disco de Kanye West, para Met Gala 2021 – e vira meme; confira”, a Rolling Stone (Redação, 2021) assinala a “*confusão*” dos fãs, e, segundo a Folha de S.Paulo, “a socialite deixou algumas pessoas *assustadas*” (Barros, W., 2021, grifo nosso).

Diante deste recorte, as matérias recuperam as associações dos enunciadores nas redes sociais, sobre os quais os efeitos de sentido produzidos pelo vestuário de Kim (“choque”, “inusitado”, “intriga”, “confusão”, “susto”) poderiam ser sintetizados em um: “estranhamento”. Porém, se o efeito de sentido parece bem estabelecido, ao semioticista interessa desvelar os mecanismos pelos quais ele se deu, de forma a reiterá-lo ou infirmá-lo.

4 DO PLANO DO CONTEÚDO AO DA EXPRESSÃO: TEORIA E ANÁLISE

A base teórica na qual a análise se sustenta encontra-se explicitada concomitantemente a ela, visando-se a uma articulação imediata entre os conceitos e a sua aplicação à fotografia. Deste modo, esta seção de resultados e discussão apresenta o objeto de análise em uma subseção que, por sua vez, desdobra-se em mais duas partes voltadas à análise do plano do conteúdo (ordenada ainda em três momentos distintos voltados aos níveis discursivo, narrativo e fundamental) e à análise do plano da expressão.

Pautada pela fotografia da figura 2, a análise pretendida nesta seção, articulada à explicitação da teoria, abrange o exame dos dois planos por meio dos quais a teoria semiótica procura explicar o(s) sentido(s) do texto: em primeiro lugar, o *plano do conteúdo*; em segundo, o *plano da expressão*, cada qual desmembrado num novo tópico a seguir, para a sua tratativa específica.

Figura 02 - Kim Kardashian no Met Gala 2021



Fonte: R. Fernandes (2021b)

Para Bogo (2018, p. 3), “uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão”. De modo geral, porém, o plano do conteúdo trata do percurso gerativo de sentido por meio do qual a Semiótica constrói o sentido do texto, “que é veiculado pelo plano da expressão, com o qual mantém relação de pressuposição recíproca” (Barros, D. L. P., 2005, p. 81); no caso do plano da expressão, trata-se, pois, do plano da linguagem “que suporta ou expressa o conteúdo”, com o qual, evidentemente, também mantém “relação de pressuposição recíproca” (p. 82).

Em ambos os casos, a propósito do que se mencionou quanto à tentativa de se explicar o(s) sentido(s) do texto, importa ainda acrescentar que, por “texto”, a teoria semiótica compreende não apenas o objeto linguístico verbal (oral e/ou escrito), mas também o visual ou gestual. Doravante, portanto, o objeto de análise desta pesquisa seguirá referenciado não apenas como “fotografia” ou “imagem”, mas também como “texto”, sem prejuízo quanto aos sentidos pretendidos por um uso ou outro.

4.1 O plano do conteúdo

O percurso gerativo de sentido (doravante PGS) (Greimas, 1966) deve ser entendido como um simulacro teórico-metodológico por meio do qual a Semiótica busca, no plano do conteúdo, reconstituir os processos de apreensão e de produção dos sentidos do texto (Greimas; Courtés, 1979).

Para tanto, o PGS prevê três níveis de análise: o primeiro, mais simples e abstrato, é o fundamental, no qual surge a significação como uma oposição semântica mínima; no segundo, o narrativo, organiza-se a narrativa do ponto de vista de um sujeito; e, no terceiro, o discursivo, mais complexo e concreto, essa narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Conforme a prática adotada pelo Centro de Pesquisas Sociosemióticas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao qual esta pesquisadora se filia, o estudo seguirá a ordem inversa à do PGS e o iniciará pela etapa discursiva.

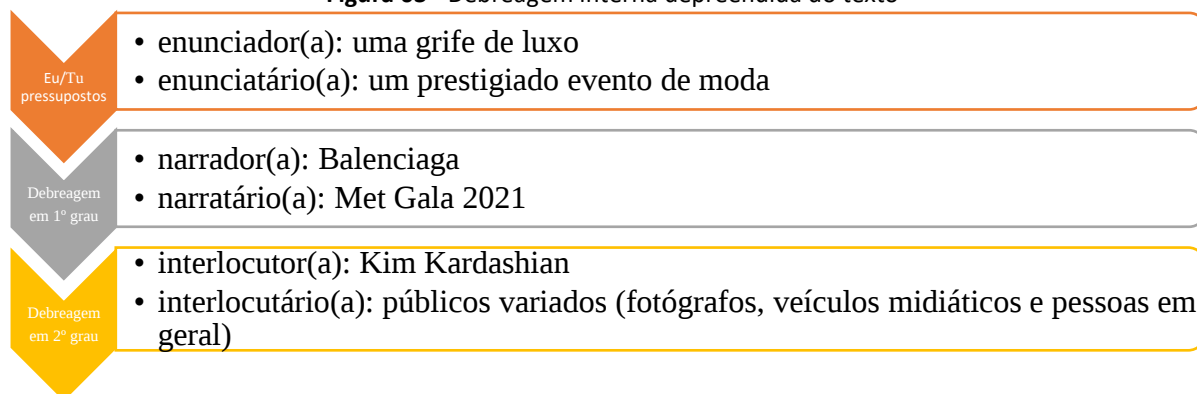
4.1.1 O nível discursivo

O nível discursivo comporta os procedimentos de discursivização distinguidos entre uma sintaxe discursiva (relativa às categorias de pessoa, tempo e espaço) e uma semântica discursiva (relativa aos percursos de tematização e de figurativização). Segundo D. L. P. Barros (2005, p. 54), “o sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir”, de modo que “estudar as projeções da enunciação é [...] verificar quais são os procedimentos utilizados para constituir o discurso e quais os efeitos de sentido fabricados pelos mecanismos escolhidos”.

No caso analisado, houve um efeito de “estranhamento” provocado sobre o social quanto ao figurino de Kim para o Met Gala 2021. Nessa situação, o mais comum é que os dispositivos se misturem e assim produzam uma variedade de efeitos de sentido, entre os quais este estudo destaca a *debreagem interna*. Em resumo, por “debreagem interna” tem-se as instâncias hierarquicamente subordinadas umas às outras, nas quais “o *eu* que fala em discurso direto é dominado por um *eu* narrador que [...] depende de um *eu* pressuposto pelo enunciado” (Fiorin, 2016, p. 39).

Isto é, o sujeito da enunciação está sempre implícito e pressuposto, debreado em primeiro grau na instância de um narrador, ao qual corresponde um narratário (Greimas; Courtés, 1979). Quando debreado em segundo grau, ele o é na instância de um interlocutor e de um interlocutário. De forma a articular a teoria ao texto-imagem, a figura 3 resume a debreagem depreendida.

Figura 03 - Debreagem interna depreendida do texto



Fonte: Elaborado pela autora

Segundo D. L. P. Barros (2005, p. 58), o efeito de sentido mais comumente produzido por esse procedimento é o “de realidade” ou “de referente”, pelos quais se entendem “as ilusões discursivas [...] de que seus seres são de ‘carne e osso’, de que o discurso [...] copia o real”. No caso analisado, esse efeito promoveria a ilusão de que Kim, “de carne e osso”, escolheu o figurino a causar “estranhamento” ao público, acostumado a (re)conhecê-la por outros trajes. Segundo a repercussão assinalada, essa ilusão foi atingida: Kim quem “deixou muita gente intrigada”; o nome dela que se tomou como sujeito da ação, “chocando a web”, “virando meme”; a *socialite* quem “deixou algumas pessoas assustadas”.

Embora esse efeito de realidade seja mais frequentemente obtido pela semântica discursiva do nível discursivo, e não pela debreagem interna na sua sintaxe, no que se refere às ancoragens de tempo e de espaço nessa semântica, estes também assim se efetivaram: o discurso da narradora Balenciaga foi não só atribuído a uma pessoa “real”, mas também concretizado por meio de um tempo e de um espaço “reais”.

4.1.2 O nível narrativo

No nível narrativo são representados os fazeres do homem que transformam o mundo, suas relações com os demais, seus valores, aspirações e paixões (Fiorin, 2016). Trata-se da história de um sujeito em busca de valores, que estão inseridos nos objetos que circulam entre outros sujeitos.

Essa etapa se constitui por um esquema narrativo de manipulação, competência e performance (adiante unificados no percurso da ação) e sanção, em que um pressupõe a existência do outro — o percurso da sanção pressupõe o da performance, que pressupõe o da

competência e este o da manipulação. Esse esquema nem sempre está explícito no texto, porém, se não for reconstituído, a narrativa perde o sentido.

Ao relacionar os domínios do corpo e da vestimenta com o da moda e em relação ao social, A. C. Oliveira (2009, p. 60), quando refere-se ao destinador, aborda-o como aquele que “é identificável como a indústria, a organização, a marca, o criador, o ponto de venda”. Sobre o papel desse sujeito, esclarece que “destacar as ações performativas do destinador sobre o destinatário, assim como as suas ações sancionadoras do que esse (destinador) realiza, mostra as sanções sociais que permitem ou não o pertencimento social” (Oliveira, A. C., 2009, p. 61).

A respeito do texto imagético analisado, tem-se Kim como sujeito da ação e destinatária sobre a qual incidiu o *fazer-persuasivo* da Balenciaga, sua destinadora no percurso da manipulação. Nesse percurso da ação da modelo (performance), para o cumprimento do *contrato* que lhe foi proposto pela destinatária, Kim indica ter sido por ela dotada dos valores modais do *poder-fazer/dever-fazer* (competência) — e não, por exemplo, do *querer-fazer*.

Esclarecendo o percurso de manipulação, Kim revelou em entrevista à Vogue sua resistência inicial quanto ao *contrato* proposto pela marca: “*Eu lutei contra isso. [...] Por que eu iria querer cobrir meu rosto?*” (F5, 2022, grifo nosso). Aliás, a modelo alega ter sido convencida por Gvasalia: “Demna e a equipe disseram: ‘Isso é uma festa de fantasia. Esta não é uma festa da Vanity Fair onde todo mundo está lindo’” (F5, 2022).

Logo, a estratégia de manipulação adotada pelo destinador teria consistido na sedução: Gvasalia apresentou à Kim uma imagem positiva dela mesma e valeu-se de um valor que acreditava ser desejado por ela: o de vestir-se adequadamente à situação — esse seria o regime de junção a que A. C. Oliveira (2009) se refere; daí o valor modal do *dever-fazer*. Diante do cumprimento dela nesse *contrato*, agora Kim não só *devia-fazer*, como *podia-fazer*, pois tinha “redefinido” sua “compreensão do que é a beleza”.

Porém, no percurso da sanção, havia outro destinador-julgador que agia sobre o cumprimento desse *contrato* por parte de Kim: o destinador social, a quem a apreciação do figurino dela enveredou por outros aspectos. Afinal, era outra a imagem socialmente validada por ela em tais eventos, como ilustram as fotos da figura 4 para efeito comparativo.

Figura 04 - Figurinos de Kim Kardashian no Met Gala 2018 e 2019



Fonte: E!NEWS (2022)

Apesar deste estudo não visar aos planos de conteúdo e de expressão dessas fotografias, interessa destacar inicialmente uma leitura do traje de Kim em 2019, quando parecia “molhada em um vestido todo em látex” (Redação Vogue, 2019). A respeito do visual anterior, em 2018, para a Vogue, a entrada de Kim foi uma das mais “grandiosas” do evento, configurando “*seu visual mais atraente*” de todas as edições até ali: “O resultado foi nada menos que *escultural*” (Barsamian, 2018, tradução livre, grifos nossos). Ou seja, Kim fora sancionada positivamente pelo destinador social (debreado como um interlocutor jornalístico) ante o cumprimento da sua parte nesse *contrato*.

Quanto aos sentidos produzidos pelo novo traje, qualquer que fosse o figurino que não contemplasse as características de “ousado” e/ou “extravagante”, ele se tornaria objeto de não reconhecimento por parte dos envolvidos e de não pertencimento por contrariar o esperado. E, quando tal sujeito é uma personalidade como Kim Kardashian, esse “estranhamento” tende a ser ainda mais potencializado, repercutindo em especial na *web* pela circulação de memes e manifestações de “choque”, “intriga”, “susto”.

Ademais, encerrando essa sanção negativa do destinador social e os mecanismos pelos quais se provocou o efeito de “estranhamento”, não se pode perder de vista o tema do Met Gala para 2021 e o contexto sócio-histórico em que ele se efetivou, incluindo-se a suspensão de sua edição em 2020 devido à pandemia de Covid-19.

Ao discorrer sobre a história da moda estadunidense numa linha do tempo e sua representação no Met Gala 2021, O’Kuinghttons e Castro (2021) referem-se ao “clássico vestido preto básico” como um símbolo dos anos 1920:

Criado por Coco Chanel em 1919, o “black dress” [...] causou certa estranheza quando a peça foi lançada, uma vez que na época a cor preta era símbolo de luto e portanto não era usada no cotidiano [...]. Essa visão passou a ser contestada por volta de 1926, quando a Vogue dos EUA apelidou o modelo de “a Ford da estilista”, [afirmando que em] pouco tempo o vestido seria uma nova tendência.

Ou seja, a “estranheza” provocada pelo lançamento de peças que contrariam a expectativa geral ocorre na história da moda norte-americana há quase um século, sendo que o “estranhamento” em certo momento pode se tornar “tendência” em outro.

Nessa linha do tempo, verificou-se uma “revolução” na moda estadunidense no pós-guerra dos anos 1960. Do *hippie* na década de 1960 às camisas xadrez nos anos 1990, O’Kuinghttons e Castro (2021) chegam às inspirações hollywoodianas e citam releituras de trajes clássicos do cinema, apesar de não corresponderem ao último tópico da linha do tempo sobre o protesto por meio da moda. Nele, nada foi escrito sobre o figurino de Kim — na contramão do que se verificou quanto à sua repercussão.

Poderia deduzir-se que a vestimenta de Kim não ilustraria a história da moda estadunidense, nem como protesto? Seria o caso de alegar que o “estranhamento” se explicaria não “só” pela falta de adesão a uma prescrição consolidada, como pela sua completa inadequação à sua última prescrição pontual?

Posto que ao semioticista cabe buscar ampliar a compreensão do que um evento como o estudado significou para o público, acredita-se que, embora não contemplado assim pela maioria dos interlocutários, o figurino de Kim no Met Gala 2021 também ilustrou a moda estadunidense numa adesão ao tema, detendo-se na sua mais recente atualidade atravessada por um obscuro período pandêmico.

Em março de 2020, por exemplo, o G1 divulgou que a Balenciaga fabricaria máscaras para conter a disseminação da Covid-19 (France Presse, 2020); já em novembro, a BBC News (2020) noticiou que a Balenciaga revelaria a sua coleção outono/inverno 2021 num “videogame original”, em resposta ao “cansaço online devido à pandemia”. Fato é que, para professores entrevistados pela Universidade Federal de Juiz de Fora, a disseminação da Covid-

19 “gerou consideráveis impactos nas formas de consumo e de mercado, incluindo aqueles relacionados à indústria da moda”:

Em fevereiro, quando o vírus ainda não configurava uma pandemia, já se podia perceber a primeira das consequências: *a ausência de consumidores, editores e estilistas vindos da Ásia nas principais semanas de moda europeias. Conforme a situação se agravava, grandes eventos passaram a ser cancelados [...]*. No final de março, o Conselho Administrativo da Federação de Alta Costura e Moda da França (FHCM) precisou cancelar a Semana de Moda Masculina de Paris [...] e a Semana da Alta-Costura [...] (Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020, grifos nossos).

Entre outros eventos, como já antecipado, a própria edição do Met Gala 2020 foi cancelada. Além disso, segundo uma entrevistada, grandes marcas precisaram “adaptar o número e o tamanho de suas coleções”, pois a produção estava “inviabilizada devido às restrições de isolamento social” (Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020).

Por tratar-se de um retrato do mercado da moda na atualidade, o que melhor a representaria num evento cuja temática abrangesse também a atuação dos grandes nomes dessa área nos últimos tempos, senão a remissão ao preto como um período de “enlutamento” (de dificuldade, luta) sofrido pela indústria? Ou, ainda, senão a remissão à própria obrigatoriedade do uso da máscara pelas pessoas, por meio do rosto completamente coberto?

Nesse caso, ainda que esse fosse/seja um dos rostos considerados mais belos e simétricos de uma figura pública projetada internacionalmente, até mesmo ele não teria sido/foi encoberto por uma imposição de saúde pública decorrente da pandemia? Ademais, as grandes marcas não se dispuseram a produzir máscaras de proteção (France Presse, 2020), de modo que essa produção integrou a história recente da moda?

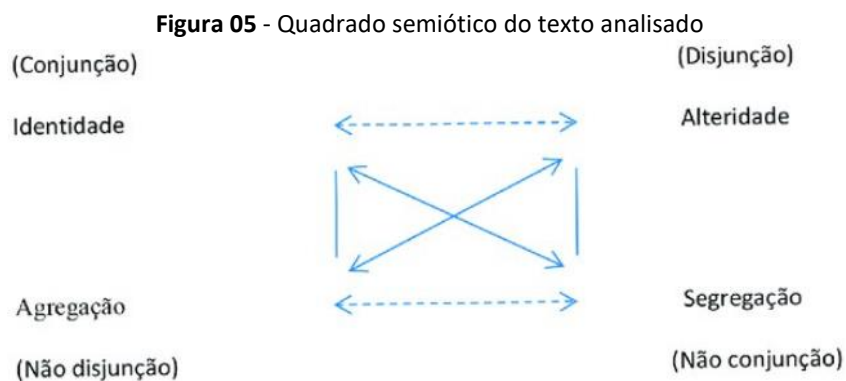
4.1.3 O nível fundamental

O nível fundamental envolve os sentidos entendidos como uma categoria ou oposição semântica; assim, essas categorias fundamentais são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas. Como a análise permite apreender, propõe-se que a oposição mínima da narrativa do figurino de Kim é de *identidade vs. alteridade*, em que “o conceito de identidade, não-definível, opõe-se ao de alteridade (como ‘mesmo’ a ‘outro’), que também não pode ser definido” (Greimas; Courtés, 1979, p. 223): trata-se de um par “interdefinível” pela relação de pressuposição recíproca.

Ao distinguir-se da “igualdade que caracteriza objetos que têm exatamente as mesmas propriedades qualitativas”, a identidade designa “o traço ou o conjunto de traços [...] que dois ou mais objetos têm em comum”, mas não só: ela “serve igualmente para designar o princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar o ‘mesmo’, ‘persistir no seu ser’, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre” (Greimas; Courtés, 1979, p. 224).

Todavia, o texto analisado se define como disforizante — a *identidade* corresponde a um valor eufórico (ela é atraente), com o qual Kim estava inicialmente num estado de conjunção (dado tudo que a distingue como “ela mesma”), e a *alteridade*, a um valor disfórico (ela é repulsiva), resultado de um estado de disjunção com o objeto-valor anterior (ao “deixar de ser ela”). Assim, o percurso se daria pela sequência: (*afirmação*) identidade (euforia) → (*negação*) não identidade (disforia) → (*afirmação*) alteridade (disforia).

Contudo, como há um percurso de um quadrante a outro, o quadrado semiótico (figura 5) prevê não só esses dois opostos fundamentais (*identidade* e *alteridade*), como os seus contraditórios/complementares: a negação da identidade (singularização) e a negação da alteridade (assimilação).



Fonte: A autora a partir de Landowski (2012)

No campo da Sociossemiótica, ao avançar nos estudos engendrados por Greimas (1966), Landowski (2012) intitula as oposições contraditórias de *identidade* como “*segregação*” e de *alteridade* como “*agregação*” (*admissão*): a *segregação* (*não identidade*) implica um sentido de separação das unidades ou de marginalização e a *agregação* (*a não alteridade*) se dá a partir do reconhecimento do outro, não obstante a sua diferença.

Nesse caso, Kim passou do estado conjuntivo com o objeto-valor *identidade* a um estado disjuntivo de *alteridade* por meio de um estado de não conjunção (*segregação*): o “Outro” por ela incorporado causou tamanho “estranhamento”, que acarretou a exclusão de Kim do seu grupo de referência do Met Gala 2021.

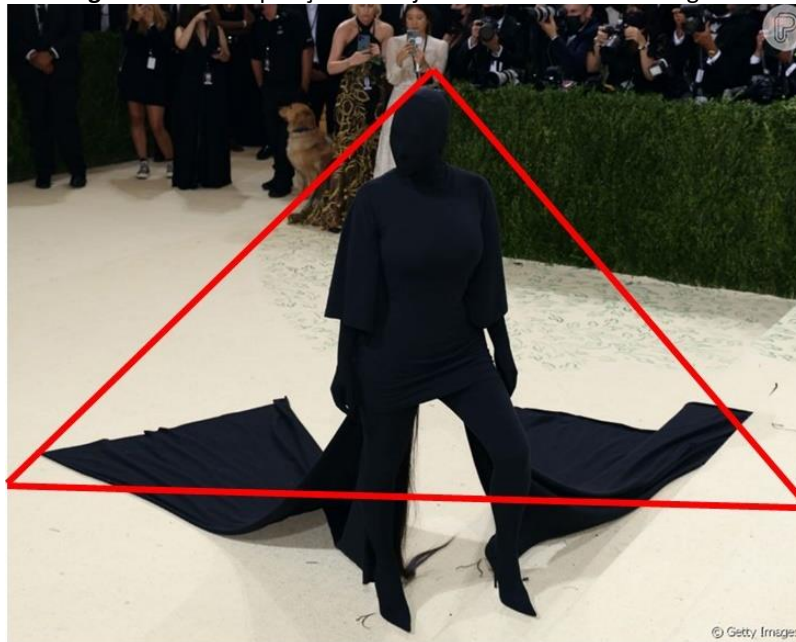
4.2 O plano da expressão

O objeto da semiótica resulta da homologação do plano do conteúdo (sob o PGS) ao plano da expressão (Floch, 1983; Oliveira, A. C., 2019). Além de “expressar” o conteúdo do texto, esse plano assume demais papéis, compondo organizações secundárias cujo objetivo consiste em materializar temas abstratos e fabricar efeitos de realidade (Floch, 1983). Para A. C. Oliveira (2004, p. 127), “ao focar o plano da expressão numa relação de pressuposição com o plano de conteúdo, assume-se que é da ação conjunta desses planos que se constrói a significação”.

Na fotografia estudada, o plano de formação se concentra sobre os formantes que a compõem. O *formante matérico* é composto pela imagem colorida RGB da entrada de Kim Kardashian no Met Gala 2021, vestida de preto da cabeça aos pés: vestido camiseta, *body*, luvas, salto embutido em *leggings* e balaclava. Quanto às dimensões (aqui reduzidas), a foto retangular, tirada na horizontal, tem 8 cm × 11,57 cm — seu tamanho original pode ser consultado na fonte que a disponibiliza (Fernandes, R., 2021b).

No *formante cromático*, as cores do entorno são quase monocromáticas (cinza, branco, verde), com Kim vestida de preto em contraste com os elementos à sua volta. Já no *formante eidético*, a imagem da pessoa fotografada tem formas curvilíneas, facilmente identificável como Kim Kardashian. Além disso, observa-se que o arranjo aberto das caudas desenhou uma simetria com o corpo, criando uma forma triangular — se traçada uma linha diagonal da cabeça de Kim às pontas das caudas da roupa, desenha-se um triângulo, como esboçado na figura 6, que recupera a foto analisada, e na 7, constatando-se esse desenho sob outro ângulo.

Figura 06 - A composição do traje de Kim sob forma triangular



Fonte: A autora a partir de R. Fernandes (2021b)

Figura 07 - A composição do traje de Kim sob forma triangular – outro ângulo



Fonte: A autora a partir de E!News (2022)

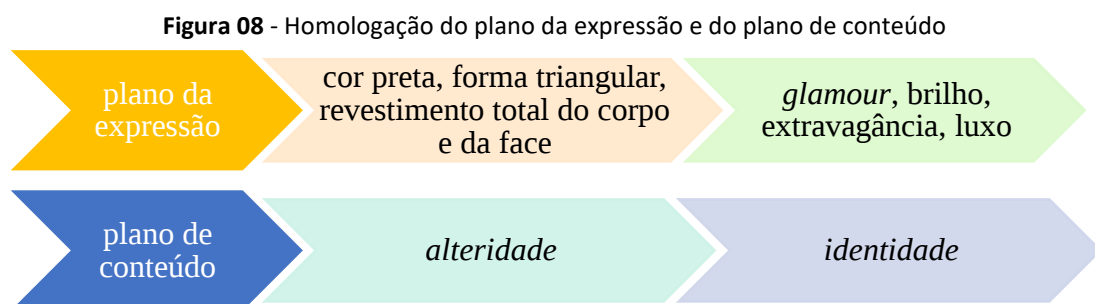
Importa frisar que, em muitas culturas, ao triângulo associam-se símbolos que evocam sentidos de elevação, inspiração, beleza. No campo religioso, por exemplo, ele corresponde à representação da Santíssima Trindade, sendo a pomba branca (cujas asas abertas assumem contornos triangulares) símbolo do Divino Espírito Santo.

No *formante topológico*, a protagonista está no centro da foto, enquanto as demais pessoas estão ao fundo, sem destaque — no primeiro plano está Kim; no segundo, as caudas de seu traje; no terceiro, a cerca viva, duas personagens com roupas coloridas e um cão; no

quarto plano, demais convidados e fotógrafos. Já no *formante rítmico*, a personagem apresenta atitude corporal, suas formas são impactantes, bem-marcadas, sem explicitar a sua identidade (apesar de Kim ser identificável por suas formas plásticas). Por fim, no *formante estésico*, a personagem transmite uma impressão de poder e, por não apresentar o rosto, de distanciamento, inacessibilidade.

Sobre esse efeito de distanciamento, passa-se à cor do figurino de Kim: dado que o preto corresponde a um código de vestimenta socialmente reconhecido (no Ocidente, representa a dor de uma perda, a escuridão), num primeiro momento tem-se que aquela seria uma personagem enlutada. Do mesmo modo, o rosto encoberto relembra o costume de a mulher de luto usar véu.

A última análise consiste na homologação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo da imagem; para tanto, a análise realizada sugere efeitos de sentido, consolidados na figura 8.

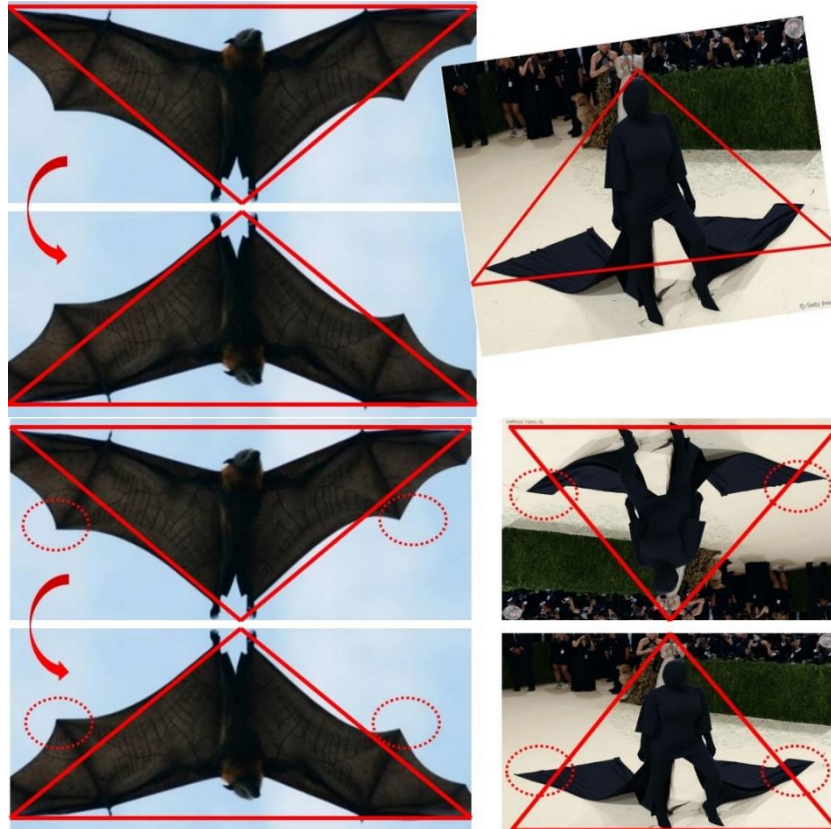


Fonte: Elaborado pela autora

Para avançar com a homologação, é preciso explorar algumas análises empreendidas e, dada a complexidade do objeto de estudo, este artigo seguiu na busca por outras aproximações.

Ao figurino de Kim parece *figurativizar* um animal voador, como o morcego (figura 9). Assim, a adesão à proposta da Balenciaga ganharia outro reforço: a marca teria produzido o que a pandemia de Covid-19 — cuja transmissão aos humanos teria sido provocada por um morcego a partir de outro animal (Petti, 2021) — a teria permitido produzir. Uma produção atravessada por dificuldades, que podem ter comedido o brilho, o *glamour*, já que foram tempos em que foi preciso cobrir-se, resguardar-se. Diante disso, a balaclava aludiria às máscaras usadas durante o isolamento social, enquanto a cauda, a um morcego.

Figura 09 - Paralelo entre a figura do morcego e o figurino de Kim



Fonte: A autora a partir de Fortunato (2018) e R. Fernandes (2021b)

Visto que o figurino de Kim no Met Gala 2021 não se caracteriza por qualquer outra cor, formato ou exposição da face da modelo, o efeito de “estranhamento” suscitado pelo seu uso por uma celebridade tão glamourosa teria decorrido da sensibilização que buscava promover: a do apagamento completo das “identidades individuais” em função de um momento social “outro”, “diferente”. Dado, porém, Kim ser uma celebridade facilmente reconhecível, a contar por um corpo de curvas inconfundíveis, a sua identificação sobressai, rendendo sobre ela toda a sanção/repercussão negativa.

5 CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender como, ao encobrir-se e vestir-se toda de preto durante sua participação no Met Gala 2021, Kim Kardashian produziu sentidos que abrangeram desde o efeito de “estranhamento” fortemente manifesto nas mídias sociais até o menos repercutido valor de alteridade, desvelando quais os mecanismos aí envolvidos. A sua participação destacou-se pela gritante diferença adotada nesse figurino, porém cumpria

a este estudo o entendimento acerca de como se dera o processo de produção e de apreensão desse sentido de “estranhamento”.

Os resultados demonstraram que, no plano do conteúdo, mediante o nível discursivo do PGS, Kim foi a interlocutora da narradora Balenciaga. Quanto ao nível narrativo, a sua sanção negativa permitiu recuperar o destinador-manipulador (a própria Balenciaga) que propusera o *contrato* do uso desse figurino a Kim, valendo-se da sedução, e que a sancionara positivamente. Por fim, no nível fundamental, verificou-se que a oposição mínima do texto imagético em questão corresponde ao par “interdefinível” *identidade vs. alteridade*, enquanto Kim teria passado pela operação de negação da identidade, a *segregação*. Já no plano da expressão, a associação entre a cor do figurino, a sua própria composição e o seu arranjo para a foto parece aludir ao contexto sócio-histórico no qual a edição do Met Gala sucedeu.

Nessa vestimenta, então, estaria figurativizado o que teria sido/foi o período pandêmico: além do luto representado pelo uso do preto e pelo rosto encoberto, a balaclava recuperaria a necessidade do uso de máscara, enquanto a cauda remeteria a um morcego, a que muitos atribuem a gênese da Covid-19. No conjunto, o figurino evocaria um período sombrio.

Então, se os sentidos comunicados pela escolha desse figurino a segregaram ante a quebra da expectativa nesse evento, também foram eles que possibilitaram a manifestação do valor de alteridade corporificado por Kim num mundo ainda contaminado pela Covid-19.

Assim, o estudo considera necessárias mais pesquisas que envolvam a comunicação encontrada na Moda em vista de contribuir e incentivar reflexão e crítica sobre manifestações discursivas/expressivas da cultura contemporânea. Para pesquisas futuras, sugere-se outras análises semióticas envolvendo as “aparições” dessa e de outras celebridades, em eventos como o Met Gala ou outros, de modo a fomentar a discussão a respeito dos valores que emergem dessas interações, a fim de ampliar o entendimento da realidade vivida e do seu imbricamento com outras manifestações sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, W. Look de Kim Kardashian no Met Gala é comparado a Alexandre de Moraes e dementadores de Harry Potter. **Folha de S.Paulo**, [s. l.], 14 set. 2021. Disponível

em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2021/09/14/look-de-kim-kardashian-no-met-gala-e-comparado-a-alexandre-de-moraes-e-dementadores-de-harry-potter/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BARSAMIAN, E. Kim Kardashian West Pulls a '90s Supermodel Move at the Met Gala. **Vogue**, [s. l.], 8 maio 2018. Disponível em: <https://vogue.com/article/kim-kardashian-west-custom-versace-met-gala-red-carpet-celebrity-style>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BBC NEWS. Balenciaga to unveil new collection in video game. **BBC News**, [s. l.], 27 nov. 2020. Disponível em: <https://bbc.com/news/technology-55103957>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BOGO, M. O design sensível do livro. **Actes Sémiotiques (em ligne)**, [s. l.], n. 121, p. 1-18, 2018.

DE NOSSA. Met Gala 2021: Kim Kardashian vira meme ao cobrir todo o rosto e o corpo. **UOL Nossa**, [s. l.], 13 set. 2021. Disponível em: <https://uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2021/09/13/met-gala-2021-kim-kardashian-cobriu-todo-o-corpo-com-tecido-e-virou-meme.htm>. Acesso em: 13 abr. 2024.

DEVIDES, C. Met Gala 2021: saiba tudo sobre o evento mais glamuroso do mundo. **Fala! Universidades**, [s. l.], 21 set. 2021. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/met-gala-2021-saiba-tudo-sobre-o-evento-mais-glamuroso-do-mundo/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

E!NEWS. Os looks de Kim Kardashian no MET Gala através dos anos. **E! Online Brasil**, [s. l.], 19 abr. 2022. Disponível em: <https://eonline.com.br/photos/34341/os-looks-de-kim-kardashian-no-met-gala-atraves-dos-anos>. Acesso em: 13 abr. 2024.

F5. Kim Kardashian diz que foi contra look do Met Gala: “Por que eu iria querer?”. **F5 – Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/02/kim-kardashian-diz-que-foi-contra-look-do-met-gala-por-que-eu-iria-querer.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FASHIONISMO. Baile do Met 201: Kim Kardashian. **Fashionismo**, [s. l.], 4 maio 2015. Disponível em: <https://www.fashionismo.com.br/2015/05/baile-do-met-201-kim-kardashian/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERNANDES, L. Tudo sobre o Met Gala 2021: tema, convidados e todas as informações do evento. **Co.Lab.**, [s. l.], 13 set. 2021. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/tudo-sobre-o-met-gala-2021/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERNANDES, R. Kim Kardashian no MET Gala choca web e vira meme por look preto cobrindo rosto: ‘Encosto’. **Purepeople**, [s. l.], 14 set. 2021a. Disponível em: https://purepeople.com.br/noticia/kim-kardashian-no-met-gala-choca-web-por-look-preto-memes_a326274/1. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERNANDES, R. Look de Kim Kardashian no MET Gala da Balenciaga contou com duas caudas nas pernas e rendeu memes na web. **Purepeople**, [s. l.], 14 set. 2021b. Disponível em: https://purepeople.com.br/midia/look-de-kim-kardashian-no-met-gala-da-ba_m3682173. Acesso em: 13 abr. 2024.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FLOCH, J.-M. Figures, iconicité et plasticité. **Actes Sémiotiques**, Paris, n. 26, p. 5-7, 1983.

FORTUNATO, B. Abertas as inscrições para “A Noite dos Morcegos”. **CBN Maringá**, Maringá, 17 set. 2018. Disponível em: <https://cbnmaringa.com.br/noticia/aberta-as-inscricoes-para-a-noite-dos-morcegos-1>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FRANCE PRESSE. Saint Laurent, Gucci e Balenciaga vão fabricar máscaras para conter coronavírus. **G1**, [s. l.], 24 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/03/24/saint-laurent-gucci-e-balenciaga-voao-fabricar-mascaras-para-conter-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2024.

GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale**: recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1979.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOTTA, S. P. J.; OLIVEIRA, L. R. (2021, maio/agosto). Quarentena e home office sem pijama: cognição do vestuário e o poder das roupas sobre a autoimagem e a produtividade. **Pensamento & Realidade**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.23925/2237-4418.2021v36i2p17-36>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/53559>. Acesso em: 13 abr. 2024.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender os signos e a significação. São Paulo: Paulus, 2017.

NYC GO. The Met. **NYC The Official Guide**, New York, 2022. Disponível em: <https://ptbr.nycgo.com/museums-galleries/the-met-fifth-avenue/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

O’KUNGHUTTONS, C. M.; CASTRO, C. M. Met Gala 2021: a história da moda estadunidense e o perigo das tendências. **AGE.MT**, [s. l.], 16 set. 2021. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/met-gala-2021-historia-da-moda-estadunidense-e-o-perigo-das-tendencias>. Acesso em: 13 abr. 2024.

OLIVEIRA, A. C. **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker, 2004.

OLIVEIRA, A. C. Corpo, roupa, moda nas inter-relações semióticas da comunicação. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 58-72, 2009.

OLIVEIRA, A. C. (Ed.) **Semiótica em contextos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

PETTI, C. Origem do coronavírus: morcego e acidente de laboratório são pontos investigados. **CNN Brasil**, [s. l.], 24 jun. 2021. Disponível em: <https://cnnbrasil.com.br/saude/origem-do-coronavirus-morcegos-ou-acidente-de-laboratorio/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

REDAÇÃO. Kim Kardashian se inspira em estética de Donda, disco de Kanye West, para Met Gala 2021 – e vira meme; confira. **Rolling Stone**, [s. l.], 14 set. 2021. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/entretenimento/kim-kardashian-se-inspira-na-estetica-de-donda-disco-de-kanye-west-para-met-gala-2021-e-vira-meme-confira/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

REDAÇÃO VOGUE. Vestido de Kim Kardashian no Met Gala 2019 incomodou muito Kanye West; saiba o motivo. **Vogue**, [s. l.], 14 out. 2019. Disponível

em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2019/10/vestido-de-kim-kardashian-no-met-gala-2019-incomodou-muito-kanye-west-saiba-o-motivo.html>. Acesso em: 13 abr. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Os impactos da Covid-19 no mundo da moda. **Notícias UFJF**, [s. l.], 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/13/os-impactos-da-covid-19-no-mundo-da-moda/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

WERY, A. Kim Kardashian passou pelo tapete vermelho do MET Gala 2015 ao lado do marido. A empresária usou a primeira criação de Peter Dundas para a grife Rob. **Purepeople**, [s. l.], 5 maio 2019. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/kim-kardashian-passou-pelo-tapete-vermel_m3016355. Acesso em: 13 abr. 2024.

Kim Kardashian's outfit at the Met Gala 2021: from "strangeness" to otherness

ABSTRACT

The aim of this study was to understand how, by covering up and wearing an all-black outfit during her appearance at the Met Gala 2021, Kim Kardashian caused feelings which ranged from the effect of "strangeness" strongly manifested in social media to less repercussed value of otherness, unveiling the mechanisms involved. As theoretical-methodological input, the work relied on the contributions of Greimas, Landowski, Floch (1983) and Oliveira (2004, 2009, 2019) in order to examine one of the photographs taken of Kim Kardashian on her arrival at the Met Gala 2021, in which she is dressed in black from head to toe. The study revealed that while the feelings expressed by the chosen outfit segregated her in response to the expectations established for this kind of event, they also allowed Kim to manifest her otherness in a world contaminated by the Coronavirus.

Keywords: Semiotics. Fashion. Plane of content. Plane of expression. Otherness.

El vestuario de Kim Kardashian en el Met Gala 2021: de la "extrañeza" a la alteridad

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue comprender cómo, al cubrirse y vestirse totalmente de negro durante su participación en el Met Gala 2021, Kim Kardashian produjo sentidos que van desde el efecto de "extrañeza" fuertemente manifestado en medios digitales hasta el menos repercutido valor de alteridad, exponiendo qué mecanismos están involucrados en ello. Como aporte teórico-metodológico, el trabajo se basa en contribuciones de Greimas, Landowski, Floch y Oliveira para examinar una de las fotografías tomadas de Kardashian a su llegada al Met Gala 2021, en la que viste de negro de pies a cabeza. El estudio arroja que, si bien los sentidos comunicados por la elección del vestuario la segregaron frente al quiebre de expectativas establecidas para este tipo de evento, también posibilitó la manifestación de alteridad de Kim en un mundo contaminado de coronavirus.

Palabras clave: Semiótica. Moda. Plan de contenido. Plan de expresión. Alteridad.

Recebido em: 25/11/2024

Aceite em: 13/12/2024